

JORNAL DOS DEBATES

POLITICOS E LITTERARIOS.

Publica-se nas Quarta-Feiras e Sabbados. — Subscreve-se nesta Typographia. — O Preço da Assinatura é de 2U000 rs. por Trimestre, pagos adiantados.

Rio de Janeiro. — Typographia de Crémère, rua do Ouvidor, n. 104.

LITTERATURA ALLEMÃO.

GOETHE.

Despoticamente dominava Voltaire a litteratura do seculo passado, não somente em França, como também em toda a Europa. Sua influencia era extraordinaria, e repercutia em todos os pontos do mundo civilisado. Os litteratos, seos contemporaneos, julgaram dever, para merecer alguma attenção, e obter alguma gloria, lisongear-o, e mesmo imital-o. Frederico II, rei da Prussia, foi um dos seos mais fieis adeptos, e se encerrando com elle no voluptuoso e pittoresco palacio de — Sans souci — em Potsdam, transmittia immediatamente, como si ordens fossem, á sua numerosa corte, as lições do poeta de Fe néy, e de tal modo se deixava por elle guiar, que prohibio o uso da lingua allemã nas actas de sua administração governativa, e entre os seos cortesãos, esforçou-se em faze-la adoptar pelos povos de seo vasto imperio, e lançou o anathema sobre alguns vestigios de litteratura nacional, que começava então á apparecer. Eram os primeiros suspiros de um infante, que abria os olhos ao panorama da vida, e este infante não achou commiserção no coração do mais glorioso filho da Alemanha, segundo a energica expressão de Schiller.

“Não teve a musa germanica o seculo de Augusto, nem lhe sorriram os favores dos Medicis: não foi mimoseada pela gloria, nem entre-abriu suas flores aos raios de reaes favores. Sem protecção, e sem honra elevou-se ella perto do trono do mais glorioso filho da Alemanha, do grande Frederico. Pode portanto diser com orgulho o Alleão, e sua alma palpar mais fortemente nutrida de tal pensamento, que o que elle tem de nobre, e de grande, á si o deve.”

Tal era o pensamento do autor de Walenstein, e elle explica a nobre origem, d'onde sahio essa bella litteratura, que mais tarde apparecendo do que a das outras nações, em pouco tempo se elevou á cima de de todas, livremente rolando com as vagas, e as tempestades. E' também esta a razão, por que ella é mais profunda, mais sublime, mais metaphysica emfim, do que as outras:

é por isso mesmo, que os litteratos allemães são mais conscienciosos, e philosophicos, do que os das mais nações da Europa.

O periodo illustre da litteratura allemã commega com Kant, e acaba com Hegel. O seo característico é a união da arte e da philosophia. João Goethe, nascido na cidade de Francfort, ribas do Mein, um dos ramos do grande e magestoso Rheno, em 1749, foi o que resumio todo este intervallo entre os dous grandes homens, acima citados: elle foi o primeiro e o derradeiro na gloria litteraria de seo paiz; colheo as primeiras flores, e os ultimos fructos: tudo elle viu, e tudo fez; e é esta a razão, porque elle foi para a Alemanha no seo tempo, o que Voltaire tinha sido para Europa no seculo XVIII, escritor, e poeta universal, variado e harmonioso, como a natureza, que elle tão bem pintou em seo todo, e em suas diferentes especialidades, original na invenção, forte e profundo nas concepções, dotado de uma brilhantissima imaginação, justo e fino nos seos juizos, penetrante e natural, e unindo á todas estas particularidades uma rara perfeição no estilo. Tudo quanto forma os grandes poetas, e escritores, tinha lhe prodigalizado a natureza.

O mundo politico offerencia então um aspecto sinistro e ameaçador; as monarchias por toda a parte tremiam. Aproximava-se a terrivel catastrophe, que tanto inundou a França de sangue e de lagrimas. A humanidade, vendo á seos pés o abysmo, esperava o momento, em que n'elle seria precipitada. Uma inquietação geral tinha se apoderado dos espiritos graves, e habituados á reflexão. Uma melancholia profunda, um especie de amor ao suicidio e aos estragos, predominava nos animos. A litteratura, viva imagem da sociedade, simples e austera, quando os homens se occupam com questões religiosas e moraes, ou com graves interesses, turbulenta e apaixonada no seio de uma sociedade revolucionaria, frivola em um estado social corrupto; se cobria então com côres sombrias e misanthropas. Goethe começava então sua carreira litteraria. “ Tomei o partido de procurar em mim, no que me fornecer a sensibilidade ou a reflexão, a materia de minhas produções: de realisar em quadro, em drama, o que me tiver dado praser, ou dôr; e de só pintar o que tiver sentido.” Eis as suas

propias palavras, eis a regra, a norma, que elle se apre teve em vista. Cada uma das suas obras corresponde á uma disposição de sua alma, ou de seo espirito; o resumo d'ellas é a historia dos sentimentos e successos, que o occuparam.

Elle amou uma donzella, bella como uma estrella, pura como uma flôr. Tinha elle então 24 annos, e ella 15. Porém os paiz da infeliz amante do Vate, que um dia mais tarde havia saudar com orgulho a Allemanha, a forçaram á unir seo destino, e toda a sua vida a de um homem, que ella não amára. Goethe cabe em um sombrio abatimento, que é além d'isto augmentado por uma certa epidemia melancolica, que entra a mocidade então reinava, pelo vago entusiasmo de Shkespear e de Rousseau. A ideia do suicidio lhe veio ao espirito, porém faltou-lhe energia para executar este criminoso projecto. Dous annos viveo elle entre as angustias de seo coração, e os deveres, que como homem devia cumprir. A solidão lhe era desagradavel, e a sociedade odiosa, o mundo lhe parecia um vacuo de duvida, de desesperação, e de soffrimentos: a misanthropia veio-se apoderar de sua alma angustiada, e essa mesma misanthropia lhe era insupportavel. Triste estado, á que está exposta a humanidade, sem viver, nem morrer!.. Porém uma grande resolução veio salvá-lo de repente da misera situação sua. Tentou descrever todos os seos sentimentos, toda a sua paixão, todas as suas penas: e compoz o romance de Werther, que tão grande revalução fez não somente na litteratura, como também na sociedade. Werther é a apologia do suicidio, crime moral e religioso, segundo a bella expressão de Alfredo de Vigny. Werther é o apello á mocidade para se engolpar nos praseres platonicos do amor, e depois de bem saborear uma delicia curtida por espinhos, que causa praser, mas que tem dôr, então, depois de perda da alma, perder também o corpo, e desamparar espiritualmente este mundo materialista. Porém Werther é tão bello, inicia-nos tanto nos mais reconditos movimentos d'alma, tão bem nos pinta a inquietação, e o desgosto de uma vida monotona e apaixonada, sem actividade exterior, porém violentamente agitada, por tudo o que com mais forga balança o coração do homem, uma necessidade immen-

sa de felicidade, um desprezo e odio incurável á existencia, emfim tão perfeitamente nos desenvolve esses sentimentos imaginarios, e essa sensibilidade exaltada, que opprimem tantos espiritos, quelendo-os, não podemos deixar de perdoar, e mesmo com um sentimento de gratidão, o autor, que tão criminosa obra produziu.

E curou-se o poeta, publicando o que soffrera? E a carreira litteraria se abriu á seu genio, coberta de louros, para serem por elle colhidos?

O seu segundo primor d'arte é o drama de — *Goetz de Berlichingen* — que é um vaso do seculo XVI, da grande phisionomia da idade media, que expira; e na verdade pode-se dizer que o heros d'este drama é a media idade; é ella, que se vê viver e obrar, é com ella, que se interessa o espectador. A media idade respira toda inteira em *Goetz, mão de ferro*, com sua força, sua lealdade, e sua independencia; falla por sua bocca, defende-se com seu braço, succumbe e morre com elle! *Goetz de Berlichingen* era um cavalheiro bravo e guerreiro, que tinha perdido a mão direita na guerra do eleitor de Baviera com o Palatinato, e que tinha uma mão de ferro, com que brandia a espada tão facilmente, como si mão natural tivesse, e é d'alhi, que lhe veio o nome de *Mão de ferro*. N'elle personifico o autor de Werther a vida cavalheiresca, a existencia feudal dos senhores, a independencia dos nobres e dos grandes, no tempo, em que cada castello era uma fortaleza, cada senhor era um soberano, e no tempo, em que os povos nada podiam, e que como servos se achavam manietados aos carros dos nobres, do feudalismo, personificação da força brutal e material. Da intenção do poeta, compondo este drama, diz Goethe nas suas memorias — *Aus meine Leben*. — Tinha grande desejo de executar enfim um plano á muito concebido de uma obra dramatica. Meo enthusiasmo perseverante pelo autor de *Hamlet* alargou o circulo de minhas ideias. O Theatro me parecia muito estreito, e a duração ordinaria de uma peça muito curta, sendo n'ella impossivel o encerrar-se o desenvolvimento de uma grande obra. Eu queria, pondo em accção o bravo *Goetz de Berlichingen*, conservar a sua vida, por elle mesmo escripta, todo o seu interesse historico, e por isso ultrapassei todas as formas dramaticas, e quasi que fiz um drama romance. N'este drama figura toda a idade media, como já dissemos; monarchas, senhores feudais, povo, bohemianos, tribunal secreto, clérigos, juriscónsultos, poetas errantes, tudo em scena se apresenta, tudo vive, e se agita n'este grande quadro, que revela no seu autor um genio extraordinario.

O seu terceiro primor d'arte são as suas poesias soltas, as quaes revelam toda a va-

riedade e riqueza de sua imaginação. Elle se identifica sem esforço, com todos os objectos, com que se inspirou, e tudo torna-se sublime graças á seu tacto e finesa. Com tanta facilidade ouve elle resoar o écho sob as abobedas do Parthenon, como nas florestas do norte, e entre os vidros coloridos das gothicas cathedraes; elle se inspira á sombra das palmeiras da Palestina e se exalta no seio das queimadoras areias da Arabia; parece tudo conhecer, e tudo lhe é familiar. Os seus canticos, balladas, odes, idilios e mais pequenas poesias, rivalizando com os de Schiller, percorrem, com a rapidez do raio, todas as regiões submettidas á lingua allemã. As ribas do Elba, do Danubio, do Rheno, nos arredores de Dantzic, como sobre os cumes dos Alpes Tyrolianos, se ouve repetir os cantos immortaes e tão simples do illustre poeta, que todas as cordas da poesia sabe tão perfeitamente vibrar.

— O poeta, diz Platão é um ente de natureza subtil e sagrada; voltija á roda das fontes dedicadas ás musas, e nos seus floridos jardins, para colher o mais puro mel; e sobre o brilhante carro da harmonia, se abandona ao Deos, que o possui, até que o sopro divino o desampare. — Eis o retrato de Goethe e de Schiller, os dous illustres rivais, o primeiro superior ao 2 pela universalidade de seus conhecimentos, e pela sua brilhante imaginação, e o 2 superior ao 1 pelo sentimento, e por uma certa melancholia dote, que parece a flor, o perfume de todos os sentimentos ternos e delicados.

Agora entramos na sua melhor tragedia. — O CONDE DE EGDMONT — tirada da historia belga, no momento, que o duque de Alba foi pelo Tiberio moderno, Felippe II da Hespanha, cercado dos fachos da inquisição, e de uma tropa de salteadores, invadio os *Países Baixos*. A acção d'esta tragedia rola sobre o amor do conde de Egmont por uma bella paisana, e a oppressão dos Flamengos, que gritavam vingança. Esta tragedia é um dos typos do verdadeiro romantismo, reunindo a historia ao interesse poetico, e de uma natureza elevada, ao mesmo tempo, que natural.

Torquato Tasso, e Iphigenia, são tambem dous primores d'arte, dignos de Goethe. Hermann e Dorothea é um lindissimo poemeto, d'onde parece evaporar-se um odor tão agradável de simplicidade poetica, de harmonia, de linguagem, e de sublimes sentimentos.

Agora abordemos a mais sublime concepção do genio de Goethe, digno rival da — *Divina Comedia* — do immortal Alighieri, do — *Juizo universal* — do celebre Miguel Angelo, e do — *Paraíso perdido* — do melancolico Milton. Abordemos essa obra extraordinaria, concebida na sua mocidade, e que já em ida-

de avançada finalizou, acompanhando-o através de todas as agitações de sua vida, como os *Lusiadas* acompanharam o infeliz Camoens através das vagas, e das tempestades, e que, por assim dizer, exprime a chronica completa dos seus sentimentos, drama profundo, extravagante, e bizarro, intitulado — *O Doutor Fausto*. —

Fausto é o modelo de todos os estilos, desde a mais grosseira comedia, até a poesia lyrica a mais elevada, e a pintura de todos os sentimentos humanos, horribeis, e ternos, sombrios e doces. O heros é um homem desesperado de muita sciencia, e ao mesmo tempo de pouca. Tudo sabe elle, e entretanto falta lhe muita cousa, que quere saber. Interroga os astros, as estrellas, o céu, o mar, e a terra, e ninguém lhe responde. O supplicio da duvida o persegue, como um phantasma, e então lhe vem a ideia de appellar para o mundo sobrenatural, de invisiveis potencias, e de entrar no inexplicavel cahos do mysticismo. O diabo lhe apparece então, sob o nome de Mephistopheles, e se esforça em tental-o. E' um diabo bem feito, vestido á ultima moda, bem fallante, amador do bello sexo, da sociedade, e não como o que nos pintaram os poetas da media idade. Fausto se deixa por elle conduzir, e com elle se perde. Este drama explica a lucta do materialismo, e do espiritualismo, dos interesses positivos, e do infinito. E' o mundo, que se appresenta na scena, com todos os seus vicios e virtudes, com suas opiniões philosophicas e politicas, com toda a sua hypocrisia. Fausto é o voo d'agua da poesia moderna.

As outras composições de Goethe, e que occupam os logares secundarios, são os dramas — *Clavijo* — *Stella* — a *Filha natural* — Os romances de *Wilhelm Meister*, e do *Divan*, e de que não damos noticia, por faltar-nos espaço.

Um bello e doce periodo da vida de Goethe, foi o de sua amizade com Schiller. Estes dous homens, tão differentes em caracter e genio, se reuniam por fortes laços de amizade, e de um puro amor ás artes. Goethe amava o fogo impetuoso de Schiller, e este respeitava a serenidade e calma de sua alma. Elles se reuniam tambem com Herder e Wieland, na pequena capital de Weimar, onde se achavam estabelecidos, formando um sublime e engenhoso quatuorvito. Mas a dura morte arrancou á seus braços estes tres genios amigos, e elle os acompanhou ao tumulo. Citaremos as suas palavras sobre o enterro de Schiller.

— A noite foi o seu corpo conduzido ao ultimo jaso, seguido de seus amigos, e de todos os estudantes da universidade de Iéna, que de proposito deixaram a escola, e o acompanharam, entoando os seus hymnos e canticos. Durante a funebre marcha, o céu

estava enluctado, e coberto de sombrias nuvens, e no momento, em que o seu cadáver foi deposto na sepultura, a lua de repente se mostrou, e esclareceu com seus palidos raios, o sepulchro do poeta. Já não existe o meu amigo, e breve nos ajuntaremos... O meu cadáver dormirá ao lado do seu.

E em 1832, Goethe também deixou esta terra, e foi sepultado em uma pequena capella, que nós visitamos, quando por Weimar passamos; e seus restos se acham em um pequeno sepulchro ao lado do de Schiller; os dois maiores homens da Alemanha se reuniram na terra, e sem dâvida também no céu.

P. S.

LITTERATURA BRASILEIRA.

Estudos sobre a historia litteraria do Brasil.

Nós empreendemos escrever a historia litteraria do Brasil, trabalho insano, que requer tempo, paciencia, e meios, e já na *Revista Brasileira*, publicada em Paris, demos a introdução dos nossos estudos. Continuaremos a offerrecer ao publico alguns ensaios mais, e esperamos com sua critica e soccorro, poder um dia dar-lhe completo o nosso trabalho; e mais digno de sua estima. Observamos para desengargo de nossa consciencia que nada nos tem desanimado, nem as injustiças nem a indifferença; oxalá outras cousas nos não faltassem, e quasi nos impedem de continuar uma carreira que consagramos ao estudo, cujo unico interesse é uma mesquinha sombra de gloria. Porque:

O favor com que mais se accende d'engenho;
Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'uma austeridade, apugada, e vil tristezza.

Como bem disse o grande e infeliz Camoens.

Do começo da litteratura no Brasil.

No meio do seculo XVI, em 1564 alguns zelosos padres fundaram um pequeno collegio nos campos de Piratininga, onde ensinavam as humanidades, que não passavam de curtas noticias de theologia e de principios de grammatica latina, cujos compendios eram escriptos pela mão do padre José de Anchieta, pela mesquinhez de livros. Foi esta a segunda escola de grammatica que se abriu no Brasil, tendo-se na Bahia estabelecido a primeira.

Assim pelas mãos d'esses generosos ministros do christianismo, os primeiros elementos da civilisação foram lançados entre os selvagens, adoradores de Tupá; esses homens verdadeiros interpretes do divino mestre, dignos do nosso respeito e gratidão, que em tal extremo de miseria viviam, que das mãos dos seus pro-

rios discipulos, cuja sorte ellas melhoravam, cuja intelligencia ellas desenvolviam, aceitavam a farinha, o peixe, e a caça para sua subsistencia.

O mais incangavel propagador da civilisação foi o padre Anchieta, homem de grandes virtudes evangelicas e litterato de algum merito, e de quem se contam varias historias de milagres, e casos sobrenaturaes; mais prescindindo de alguns poemas seus que não podem entrar nesta historia, não podemos olvidar um facto importante pela influencia salutar que devia exercer nos costumes d'aquelles tempos, e que ao mesmo passo tendia a espalhar um certo gosto pela poesia. Facto este ignorado hoje de todos, e collido pelo padre Paternina, e reproduzido unicamente por Simão de Vasconcellos. Em São Vicente, afim de impedir as indecencias nos actos representados na igreja, compoz José de Anchieta, um acto devoto com o titulo de *Pregação universal*, que para Portuguezes e Indios servia, constando de uma e outra lingua, para que de todos entendido fosse. Representava-se este acto em pleno dia, a descoberto, e no adro da igreja, nas vespas do jubileo, da festa de Jesus, a elle concorria todo o povo. Tinha este drama todos os caracteres da prisca comedia, e ainda mais, os actores do drama, que não eram comicos de profissão, mas sim particulares, a que damos o nome de amadores, fallavam em seu proprio nome, e se accusavam de seus proprios erros; era este drama uma especie de confissão publica e geral, e causa admiração que á tal pratica se submettessem aquelles homens. Continha o drama, ao diser de Vasconcellos, varias prophcias que se realisaram. Era um dos enterlocutores um certo Francisco Dias, homem de pessimo procedimento a quem Anchieta aconselhava inutilmente, e assim se exprimia elle no drama.

A viagem está acabada,
A não vai-se alagando,
E esta vida, em que ando,
Por tantas causas errada,
Meos dias, já não são nada
Pois pecco por tantas vias:
Triste do Francisco Dias!
Não lhe sinto salvação,
Se vós Mãe da Conceição
Não pagais as avarias.

Outro sujeito que vivia amancebado, com escandalo, depois da representação d'este acto, casou-se com aquella com quem vivia, seu discurso era o seguinte:

Virgem pura, sou quem vedes,
Diante de vós me venho,
Tirai, vos peço estas rede
A este pobre Pedro Guedes,
E quantos peccados tenho;
Acha-me tão enroscado,
Que hei medo da perdição,
Quero deixar o peccado,
E ser devoto casado
Na villa da Conceição.

Como verão as pessoas lidas, é este facto talvez unico na historia dramatica, que nem mesmo na prisca comedia tal liberdade foi vista, de cada qual representar em publico seu proprio papel, e contar seus proprios erros. Isto mostra o poder e a influencia que n'aquelles logares exerciam os padres; e d'esta arte se moralisava o povo, e o gosto da metrificação se espalhava.

Assim uma pequena centella começava a chispar na escuridão. Assim tudo começa. Pouco a pouco ella accende-se, e espargio uma luz placida e benefica em torno de si, o Brasil dava o primeiro passo para levantar uma ponta do véo de trevas, que o cobria, o christianismo foi o núcleo d'esta nova civilisação. Os indigenas abandonavam seus bosques e seus costumes selvagens, para serem aprender uma nova doutrina, e os filhos do homem da Europa, nascidos nestas plagas começavam a trilhar outra estrada; era o primeiro passo para a civilisação; este passo devia ser annuciado por esta voz harmoniosa, primogenita do coração, por este brado de enthusiasmo precursor de todo o desenvolvimento intellectual, por esta effusão de tudo que ha de mais sublime no pensamento, de mais bello na imaginação; e que é para a historia, para a philosophia e para as artes, o que a aurora é para o dia, e a infancia para o homem. A poesia é a harmonia das ideias e das palavras, é a voz mysteriosa, symbolo da sociedade, é a linguagem da natureza, que atrahes os homens, e a ferocidade lhes doma. Por isso é que o genio fecundo da Grecia representara os troncos e os brutos suspensos, e extasiados com os melódicos accentos de Orpheo, aqui é uma cidade que se levanta, acolá é o tyranno do inferno, que cede as suas supplicas, incantado pela harmonia de sua lyra. E' a verdade traja-da com os adornos da fabula.

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memoria
D'alto varão a gloria.

Oras a verdade, mas não mente a musa.

A poesia devia abrir uma nova epocha, ou antes preparal-a devia, como o primeiro relampago da civilisação.

Devolvido se tinha um seculo, seculo de turpor intellectual, novo seculo despontava, e um poeta apparece no Brasil.

Em 1801, as prensas de Lisboa mostram ao mundo que um nascido nos incultos bosques da America pode arpejar a lyra, e manear a penna. Bento Teixeira Pinto, natural de Pernambuco, versado na historia, e possuindo varios ramos das sciencias naturaes, dotado sobre tudo de raro talento poetico, é, segundo a ordem chronologica, o nosso primeiro poeta. Deixou-nos elle um poema intitulado — *Prosopopeia* — dirigido a Jorge de Albuquerque Coelho, capitão e governador

de Pernambuco, compoz a relação do naufragio, que fez o mesmo governador, e o dialogo das grandesas do Brasil, que contem curiosas noticias. Dêe-nos grandemente o não podermos dar uma analyse de suas obras, que inuteis esforços fizesmos para obtermos um exemplar. Si o esquecimento, porém, em que vivê, um tanto o desabona, d'outro lado releva confessar que sempre lhe cabe o merito de servir de ponto de partida da nossa litteratura, e hâver dado o sinal da intelligencia de um novo povo. Quando se remonta a origem de qualquer sciencia ou arte jamais a perfeição se procura. O medico dos nossos dias, e o philosopho em conhecimentos excedem a Hippocrates e Thales; e o pintor dos nossos tempos, e não Raphael, ou Girodet, não tem que envejar ao celebrado Apelles; mas quem por isso se esquece do velho de Cós, do sabio de Milesio, e do pintor de Alexandre? Que amador ou antiquario não folga em possuir um fragmento de bronze, ou uma medalha salada pelo tempo achada nas escavações de Herculano, e Pompeia, com preferencia a muitas de moderna escultura? Os primeiros escritores tem um merito, que com os seculos augmenta; por isso é que n'este quadro historico iremos collocando quantos, por seus scriptos, credores se fiseram de memoria.

Antonio de Sá (1) na idade de 12 annos, alistou-se na companhia de Jesus do convento da Bahia; ali completou todos os estudos, que n'essa epocha se podiam obter. Eram então os claustros os refugios das sciencias, e os que ali se asilavam podiam saciar-se em pingue manancial. D'elle se explica o abba de Sever da maneira seguinte: "a vivesa de juizo competindo com a tenacidade da memoria feliz muito conspiraram para que, em cultivando as musas amenas, ou severas, fosse julgado pelos mestres, e condiscipulos por milagre dos engenhos; com a mesma agilidade com que voou ao cume do Parnaso, e colheo as flores da eloquencia, penetrou por meio da philosophia e theologia, que sabia com perfeição, o santuario das escrituras, não havendo n'ellas mysterio recondido, que não fosse patente a sua aguda investigação. Ornato com estes singulares dotes, nos quaes excedia a todos os maiores talentos da sua idade, passou a Portugal, donde, por ordem dos superiores assistio alguns annos em Roma com a occupação de escrever as cartas para a provincia do Brasil. Depois de alguns annos de residencia na capital santa regressou para Lisboa, onde com geral aplauso começou a exercitar o ministerio de orador evangelico, tendo por ouvintes o rei e sua corte. O mesmo Vieira, contemporaneo

seu, confessava que sua ausencia, sensivel não era, se Antonio de Sá o substituiu.

Um facto, porém, omitido pelo abba de Barbosa, e que nos refere Manoel da Conceição, editor de suas obras, o obrigou a deixar a corte. Pregando na real capella em Agosto de 1663 pelos annos del-rei D. Afonso VI, estendeu pelos deveres dos monarchas, e possuido de sua missão augusta, como não fosse homem que profanasse a dignidade da cadeira sagrada, nos conselhos ao rei lançou alguns ditos, de que se offenderam os cortesões, e d'ahi tiraram armas contra elle, o intrigaram na corte, e o fiseram partir para o Brasil.

Em tempos de tanto respeito e vassalagem, certo, aquelle sermão, continha verdadees terriveis para ouvidos a ellas pouco afieitos. Modelo é esse discurso da eloquencia do tempo, e da verdadeira eloquencia; a primeira parte é cheia de conceitos e trocadilhos de que damos um exemplo no seguinte extracto: "A estrella, em cujos raios me mandaram ler os prognosticos d'este dia, é Christo sacramentado; estrella, na qual depois dêpôr muitas vezes attentamente os olhos, achei tãto coberta sempre de nuvens, que vin a suspeitar, que era sem vida estrella do encoberto; e conferindo este pensamento meo com o nascimento natural de Vossa Magestade ao mundo, e com o nascimento politico de Vossa Magestade ao reino, resolvi commigo, que se Vossa Magestade não era encoberto esperado, era o esperado descoberto. Ao lado, porém d'este periodo de máo gosto, vejamos como o orador levanta a voz, vibrando quasi as cordas do sublime. Quer elle mostrar que o rei deve estender sua vista sobre todos indistinctamente, e assim se exprime. — "Se o sol se inclina sómente a gigante, não fóra sol; tanto direito tem para sua vida a mais humilde planta; que ao pé da montanha serve de pasto perpetuo á voracidade das feras; como os mais empinados cedros, com cuja pompa se corôa soberbamente o cume. O nobre senhor, e poderoso, não tem obrigação de fazer bem a todos; porque não tem o poder todo, tem algum poder: porém o rei, o principe é o sol com todo o resplendor: a todos deve dar sua luz, e sua influencia a todos. O dia, que o sol assistio parado com suas luzes a Joze, f'ital a confusão, e descompostura, que houve no universo, que assim como durou dose horas o favor, se durara muitos dias pereçera o mundo. Si dose horas, que o sol se mostrou sol para Josué sómente, bastaram para descompor o mundo, que desordem, que desconcerto não haverá em um reino, aonde houver Josué, que todos as horas leve sómente o sol? Que premio esperará o merecimento? Que favor a nobresa? Que cuidado o povo? Triunphará Josué, e chorarão todos, e que maior desconcerto? Que maior desordem? — Este periodo, e outros da mesma força, deviam irritar os cortesões; que o orador não temia dizer, que se devia crear um conselho das murmurações reaes, a bem do rei; reflectindo, via que não faltava na corte aquelle conselho; porém que faltavam os conselheiros.

Todos os seus sermões estão cheios de pensamentos sublimes, de maximas de moral, e de politica. Ora se eleva, ora se abate vê-se a lucta do genio e do gosto do seculo. Algumas vezes é melancholico, e apresenta quadro verdadeiramente tocantes, e um estilo tão suave e persuasivo como aquelle

que admiramos nos escritores modernos, principalmente em Mr. de Chateaubriand, exemplo seja o seguinte extracto do sermão de Cinza.

"Que são os gostos, senão cilada dos pazeres? Não ha favo nesta vida, onde o disabor da cera não seja prao dos sabores do mel: na doçura de um pomo comeram nos primeiros pais o veneno da mortalidade; o dia, em que creou Deos a luz do céu fez nuvens, que o podessem escurecer, e quando mais florida, e fecunda creou a terra, já lhe tinha prevepidos os espinhos, que a podessem afear, que não ha dia de alegria sem sua nuvem, nem flor de contentamento sem seu espinho."

"Que são os deleites, senão remangos enlodados, onde cheiais requiso a satisfaser-vos, e por mais que bebei, manchais os beiços, e não matais a sede? Converteo Deos a mulher de Loth naquella estatu de sal, e quer Origenes, que fosse para symbolo dos deleites desta vida, e para tal estatu não havia melhor materia: meteis uma pedra de sal na bocca, deixai-a faser em agua, idel-a depois bebendo, e tragando, que seccuras não vos faz, que sede vos não causa; eis aqui os deleites do nosso mundo, agua de sal, tudo é beber, e tudo é sede."

Gosto, verdade e sentimento são os ornamentos do que acabamos de ler. Ha momentos porém em que o orador se arrebatava e n'uma especie de delirio pergunta. "Que cousa é o corpo humano? si o consideramos quanto aos successos varios que padece, uma morte viva, um sensitivo cadaver, uma mentira verdadeira, uma fugitiva sombra, uma phantasma do tempo, um alvo da fortuna, uma imagem da inconstancia, uma praça de calamidades, um sonho de acordado, uma ideia da fraqueza, uma faísca que em um momento se acaba, uma chama que logo se desfaz, uma luz que no ar se escurece. Assim o testemunha a idade mais florente, ha poucos dias cortada: assim a formosura mais peregrina em breve tempo afada: assim a saúde mais robusta, em um instante perdida. Si o consideramos quanto a substancia e uma poica de terra com meliores accidentes.

"Terra! isto foi e isto ha de ser; mas em quanto vive, porque se ha de avaliar por terra? porque isso foi e isso ha de ser."

"Ainda que o corpo humano, enquanto vive seja carne, e esta revestida de apraveis cores, com tudo como foi terra e como ha de ser terra, por isso ainda vivo se ha de avaliar por terra. Porque as cousas não são tanto o que são, quanto o que forão e o que ha de ser."

Sem pertendermos faser uma rigorosa critica desta maneira de descrever a parte phisica do homem, não podemos deixar de admirar os arrojos da imaginação, e oxalá para gloria do orador fossem esses os seus defeitos.

Da volta ao Brasil, Antonio de Sá, ensinou ainda dose annos theologia e letras humanas. Animado de apostolico zelo, consagrou-se a conversão dos Indios nos sertões do Rio de Janeiro. Seu debil corpo com as mortificações, estudos, e viagens não pôde resistir a tão arduo trabalho, e de tal modo voltou ao seu convento que ali morreo em 1678. Existe uma edição de seus sermões que é hoje muito rara e da qual nos servimos para este estudo.

M.

(1) Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 26 de Julho de 1627, e morreo no 1 de Janeiro de 1677.